

Desempregados disputam o metrô

Enquanto o governador Cristovam Buarque anunciava com festa, domingo em Samambaia, a volta das obras do metrô, dezenas de trabalhadores abriam a fila na porta do canteiro central da obra, em busca de emprego. Eles chegaram cedo, por volta das 18h00. E na manhã de ontem a fila passava de um quilômetro. Uma estrutura improvisada foi montada para cadastrar os trabalhadores, que até o início da tarde somavam mais de três mil.

Na semana passada, quando foi apresentado oficialmente o novo plano para o reinício das obras, o governador declarou que a partir de ontem seriam contratados os operários. "Ouvi no rádio", disse o jardineiro Francisco Rodrigues do Nascimento, 43 anos. Desempregado há cinco anos, mora numa invasão no recanto das Emas e disse que está vivendo "porque Deus quer". Com quatro filhos pequenos, o jardineiro foi abandonado pela mulher. "Agora sou pai e mãe", ponderou. Para fazer o seu cadastro, Francisco deixou os filhos com a avó e conseguiu entrar na fila às 6h00. Desesperado por um emprego, disse que faz "qualquer serviço" porque está difícil conseguir trabalho. Francisco é cearense e mora há 25 anos em Brasília.

Desespero - O encarregado de segurança da Brasmetrô, Sérgio Milano, foi pego de surpresa com a chegada dos trabalhadores. Ao passar por acaso pelo canteiro, no domingo à tarde, viu a aglomeração na porta de entrada da obra. Decidiu, ali mesmo, convocar seus ajudantes para cadastrar as pessoas. No domingo foram atendidos 66 operários.

Desde as 5h00 de ontem seis funcionários estão cadastrando os trabalhadores. Às 10h00 já tinham sido atendidos cerca de 3 mil. A listagem, feita à mão, deverá ser passada para um computador e enviada ao Sine (Sistema Nacional



Desde a noite do domingo, até a manhã de ontem, trabalhadores engrossavam a fila do canteiro de obras do metrô, em busca de emprego

de Emprego). "Não pensava que o desespero era tão grande", revelou Milano, acrescentando que "dá dó no coração ver esse povo todo desempregado. Abala qualquer um".

Esperança - A cozinheira Maria José Perone ficou desempregada

desde a paralisação das obras, há dois anos. Ela cozinhou para os engenheiros da empresa C.R. Almeida. "Era um bom emprego. Fui a última a sair. Lembro que embrulhei as panelas para a mudança". Com o dinheiro da indenização, Maria José tem con-

seguido se manter. Separada e mãe de um filho, a cozinheira é capixaba e mora em Brasília desde 1965.

Os operários chegaram à fila dispostos a passar o dia inteiro, se fosse preciso, até "serem fichados". Alguns se queixavam de fome. Cada um ficou, em média, três

horas esperando. Pedreiros, serralheiros, jardineiros, soldadores, serventes, carpinteiros, operadores de máquina, motoristas, mestres de obras, tinham em comum duas características: o desespero e a esperança de conseguir uma das cinco mil vagas anunciadas.

Renato Alves